



O PAPEL DA FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE AÇÃO PEDAGÓGICA E PERCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: TRABALHANDO A FOTOGRAFIA NA PRÁTICA DOCENTE DE GEOGRAFIA.

Fernando Barbosa Oliveira Correia[1]

André Luís Canuto Duarte Melo [2]

RESUMO

Neste presente artigo procuramos analisar de que forma a fotografia pode indicar determinada leitura do espaço e como ela pode ser trabalhada em sala de aula para elucidar questões sociopolíticas inerentes ao estudo da Geografia. Depois disso é feita uma reflexão sobre o atual contexto da ação pedagógica, as condições históricas que levaram a esta situação e sobre qual formação apontamos como realmente necessária ao ser humano. A metodologia utilizada é a análise a partir do método materialista histórico dialético e a realização de oficinas fotográficas em escolas públicas, de onde se puderam tirar algumas conclusões sobre caminhos a serem trilhados no que se refere ao tripé educação, geografia e fotografia.

Palavras-Chave: ensino de geografia, fotografia, práticas pedagógicas;

ABSTRACT

In this article we analyze how photography can indicate certain reading of space and how it can be worked in the classroom to elucidate sociopolitical issues inherent to the study of Geography. After that, discussions about the current context of pedagogical action, the historical conditions that led to this situation and what training really necessary to point out as human. The methodology used is the analysis from the historical dialectical materialist method and conducting photographic workshops in public schools, where they were able to draw some conclusions about routes to be followed with regard to the tripod education, geography and photography.

Keywords: teaching geography, photography, teaching practices;

1 INTRODUÇÃO

Procuramos aqui analisar de que forma a fotografia pode indicar determinada leitura do espaço e como ela pode ser trabalhada em sala de aula para elucidar questões sociopolíticas inerentes ao estudo da Geografia. Após isso é feita uma reflexão sobre o atual contexto da ação pedagógica e as condições históricas que

levaram a esta situação. Refletir sobre o papel da fotografia como ação pedagógica e suas perspectivas de transformação é um horizonte sempre buscado no presente texto.

O papel da fotografia e seu uso em sala de aula.

O olho, como dispositivo mecânico do sistema fisiológico, é o canal por onde trafega o cenário iconográfico do qual fazemos parte. Funcionando como um sensor que capta a geometria do mundo, o olho realiza a façanha de reter e codificar, através da película fina da retina, detalhes significativos do universo. O olho, pois, é mecânico. O olhar é político. Dessa perspectiva, saber olhar é descongelar sentidos estabelecidos, paradigmas já consagrados, interpretações cristalizadas, imagens congeladas e fixas. (VITAL-DURAND, 2001, p. 95).

À primeira vista pode não parecer, mas a fotografia tem uma relação intrínseca com a educação. Podemos até ser mais incisivos: não existe fotografia sem o resultado de diversos processos educativos como plano de fundo. Desde o seu surgimento, em 1826 (com uma chapa sensibilizada com asfalto e exposta à luz durante oito horas, obra do francês Joseph Niepce), a história da Fotografia caminha lado a lado com a história da humanidade, onde muitas vezes uma fala pela outra. Mais do que obras artísticas a serem contempladas, ela são um retrato da sociedade em que vivemos. A partir desta visão um questionamento pode surgir: como, por qual motivo e de que forma os processos de formação de consciência influem objetivamente e subjetivamente na fotografia e, conseqüentemente, na percepção do espaço geográfico. Ou ainda: por trás da fotografia existe uma visão de mundo que norteará o que será registrado?

Sobre este tema Douglas Kellner, em "*A cultura das mídias*", é incisivo:

Embora saibamos que o valor estético de uma obra não possa ser julgado ou reduzido apenas ao seu conteúdo, também não podemos ignorar que o objeto de arte por instituir-se como produto sociológico, não estará isento de ideologias, posições políticas ou morais, em sua gênese. Tal fato, levado em conta, agregará valores no momento da análise. (KELLNER, 2001, p.32)

Fotografia não é meramente objetiva, é também profundamente subjetiva. Dentro dela se inserem ideologias, valores, classes sociais, de modo que ela seja inteiramente conduzida por determinado interesse. Poderemos chamar de "processo de formação de consciência" também as ideias que são adquiridas pela sociedade e que são amplamente divulgadas através de aparelhos que servem hegemonicamente aos interesses do capital (escola, mídia, igreja, família, Estado, polícia etc.). No presente estudo, focaremos apenas o âmbito escolar. Desde como a fotografia pode ser usada para elucidar questões inerentes ao ensino e aprendizagem, até como ela pode ter um caráter ideológico para justificar determinadas ações. Sendo assim, o fotógrafo é mais responsável pela sua fotografia do que talvez possa imaginar, pois quando leva sua câmera para fotografar, leva também a sua história, suas ideias, sua consciência do que é e do que não é. Sua memória guarda influências de todas as imagens que já viu (em revistas, na televisão, nos jornais, outdoors, mercadorias) e a sua produção está conscientemente ou inconscientemente atrelada às suas experiências. Os processos educacionais – institucionalizados ou não – pelos quais passou durante toda a sua vida, se refletem na imagem que capturou.

Se analisarmos a sociedade brasileira de 40 anos atrás e a sociedade brasileira atual, com certeza avaliaríamos que o poder da imagem hoje é muito maior. Em grande parte pela difusão da televisão não só nos meios urbanos, como também no espaço rural (que era moldada numa linguagem falada devido à influência do rádio), mas em outra parte também pela maior produção e difusão de fotografias, filmes, livros, jornais, etc. Logo, já podemos entender as diretas relações existentes entre a fotografia e os processos de ação pedagógica pelas quais passam o ser humano.

O presente estudo tenta mostrar que Fotografia, Espaço e Educação são indissociáveis. Obviamente, não podem ser confundidos, mas o uso da fotografia em sala de aula não pode ser dissociado do estudo central do espaço, que é o agente principal dela. A imagem existe e se realiza no espaço, espera apenas que uma câmera e seu agente (o fotógrafo) capturem aquele momento através da fotografia. O fotógrafo capta as imagens, mas não as cria, pois, vale frisar, a imagem já existe. Ela está na beira da estrada, está na luta pela terra, está no estudante que protesta, no trabalhador que se mobiliza. A fotografia não “provoca a luta” com as imagens, mas cumpre o importante papel de tornar eterna determinada leitura espacial, de maneira que ela não deve estar “à frente” e tirar o mérito das relações sociais, mas ajuda para uma importante leitura da sociedade, já que as suas escolhas e ideologias influem diretamente na compreensão da situação registrada.

Para Renata Martins Silva,

[...] uma fotografia bem trabalhada pode levar o aluno a refletir sobre suas atitudes e a realidade em que está vivendo, possibilitando o interesse em estar descobrindo e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica, observando, e, conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes (SILVA, 2004, p.81)

O uso da fotografia em sala de aula pode constituir uma grande experiência reflexiva dentro de sala de aula. Podemos demonstrar através de inúmeros exemplos a sua importância no processo da ação pedagógica e na formação de consciência dos indivíduos. No entanto, o uso das imagens pode passar despercebido no cotidiano escolar, configurando um aspecto meramente decorativo. Não é essa a concepção de imagem e fotografia que queremos demonstrar, configurando a fotografia com uma função primária e não secundária na prática docente. Foi mostrado ao longo desse texto que o ato de fotografar envolve uma escolha de ordem ideológica e que essa ideologia é consequência de um processo de formação de consciência. Com isso podemos entender que a fotografia não cumpre papel neutro na representação do espaço e que o seu uso como ferramenta didática é um importante instrumento na compreensão do espaço geográfico.

É preciso analisar seriamente como se dá essa formação de consciência, através de quais instrumentos ela é formada e quais interesses ela vislumbra. Perceber que a máquina fotográfica é um aparelho binário que não funciona sozinho e que precisa ser mediada pelo homem, e que o fotógrafo influi diretamente sobre a maneira que podemos compreender a situação enquadrada pelas lentes, é perceber que a fotografia é reflexa de consecutivos processos educacionais, onde muitos destes perpassam pela disciplina geografia. Rosane Andrade complementa:

Aprendemos a ver apenas o que precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando apenas uma fração do que nos rodeia. Os homens modernos não são bons observadores, e o uso de uma máquina fotográfica pode auxiliar sua percepção. No caso da antropologia, o ato de fotografar pode dar uma visão global e uma observação detalhada (ANDRADE, 2002, p. 54)

Partindo do autor para a foto em si, o professor pode destacar sobre como a câmera agiu no enquadramento de uma situação. Dessa maneira, é importante pensar sobre o espaço enquadrado em cada um dos elementos que compõem a foto. Esse tipo de questão muitas vezes salienta qual informação foi considerada mais importante na imagem. Para compreender melhor esse ponto, podem-se levar à sala duas fotos de um mesmo evento, não será difícil que as duas fotos, apesar de tratarem do mesmo tema, reflitam visões diferentes do espaço.

Propor metodologias na prática docente de geografia é mais que “tornar a aula divertida”, ela deve servir na construção de um projeto político pedagógico que vise à tomada de consciência e emancipação humana. Desta maneira, tentamos demonstrar ao longo do estudo o papel que a formação de consciência exerce na fotografia. Contextualizar historicamente como a fotografia foi e pode ser utilizada pelas classes dominantes e

entender o seu uso é central quando formos utilizá-la dentro da sala de aula. Após essa contextualização, demonstramos que tanto a formação de consciência quanto a fotografia tem um claro rebatimento espacial e exercem papel na percepção do espaço geográfico. A maneira como a fotografia trata, por exemplo, a periferia ou espaços que estão “à margem” da sociedade podem reforçar o caráter opressor sobre as classes oprimidas, ou em contrapartida pode servir como instrumento a ser utilizado – não no despertar, mas na formação – como processo de consciência. Não é hora ainda de concluir ou propor uma tese que remeta à utilização de fotografia em sala de aula, mas é certo que precisamos traçar métodos e proposições sobre o tema, de forma que possam contribuir para a consolidação do uso da fotografia como abordagem crítica na docência. Entender que ela não retrata simplesmente uma paisagem, mas também um território, um espaço profundamente de raízes históricas e sociais é um passo importante neste processo. É certo, pois, que já podemos traçar uma clara linha entre a formação de consciência, a fotografia, a percepção do espaço geográfico e de que forma utilizar isso nos processos de ação pedagógica.

Sendo assim, é certo que está entre os principais objetivos do artigo, refletir sobre o papel da fotografia como ação pedagógica e suas perspectivas de transformação, assim como compreender o papel da fotografia como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e como seu estudo e interpretação revela determinado rebatimento espacial.

2 SITUANDO O CONTEXTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA[lorryne2]

A educação ao longo de sua história tem sido construída hegemonicamente sob os interesses das classes dominantes, sob uma lógica fragmentada e direcionada diferentemente para cada classe. Logo, afirmamos que toda ação pedagógica está fundamentada em um projeto histórico e em um projeto de escolarização. A demarcação de tais projetos irá nortear qual a nossa concepção de educação, qual o projeto de formação que almejamos e dentro de quais interesses esses seres serão formados.

Aqui analisaremos o contexto da ação pedagógica sob o projeto de escolarização neoliberal. Partimos do entendimento que estamos inseridos numa realidade completamente controversa aos interesses da classe trabalhadora, seja no plano intelectual, social, político, econômico, cultural, geográfico ou educacional. Vivemos num meio social onde pequena parcela da sociedade, representada pela classe burguesa, se apropria dos meios de produção, obrigando a classe trabalhadora a vender sua força de trabalho. Isso constitui um quadro de desigualdade social onde as classes não têm acesso às mesmas condições de manutenção da vida. O que configura na sociedade duas classes distintas e opostas: a classe burguesa e a classe trabalhadora. Todo esse movimento histórico de recorte de classes irá nortear o papel da escola, da instituição de ensino e da prática docente, onde as mesmas movimentam-se a fim de demarcarem seus interesses. Nesse contexto, o ensino de Geografia cumpre importantes funções: reforçar ou questionar valores e interesses embutidos no cerne da sociedade.

O neoliberalismo é caracterizado, segundo Pablo Gentili e Tomaz Tadeu (1996), como um projeto hegemônico, como uma estratégia de poder que se programa através de um conjunto de reformas concretas no plano econômico, político, jurídico, educacional, etc. e, além disso, de uma série de estratégias culturais orientadas a impor novos diagnósticos acerca de suas crises e construir novos significados sociais, legitimando as reformas neoliberais como sendo as únicas que podem ser aplicadas no atual contexto histórico de nossa sociedade.

É necessário o apontamento dos “culpados” para a crise educacional. O neoliberalismo, se “auto-exclui” desse processo, entendendo que os “responsáveis” são os indivíduos de forma isolada. Na sua visão os indivíduos são culpados pois:

[...]aceitaram como natural e inevitável o status quo estabelecido por aquele sistema improdutivo de intervenção estatal. Os pobres são culpados pela pobreza; os desempregados pelo desemprego; os corruptos pela corrupção; os favelados pela violência urbana; os sem-terra pela violência no campo; os pais pelo rendimento

escolar de seus filhos; os professores pela péssima qualidade dos serviços educacionais. O neoliberalismo privatiza tudo, inclusive também o êxito e o fracasso social. (GENTILI, Pablo, 1996, p.22).

Com essa interpretação e apontamentos, o sistema político vigente apresenta reformas para tais crises, fortalecendo os seus princípios. É formulada uma série de objetivos “comuns” que se articulam como estratégia de manutenção, materialização dos princípios cidadãos, rumo das políticas da educação, estabelecimento de critérios para avaliação das propostas de reforma escolar, todos eles enraizados na lógica de mercado de trabalho, produtividade, eficiência, pensada e reestruturada sob o modelo de certos padrões produtivistas e empresariais - o que Pablo Gentili e Tomaz Tadeu (1996) denominaram de “mcdonaldização da escola”.

Essa política vem desestruturando e privatizando cada vez mais a educação – fortalecendo ainda mais o individualismo e a competição, todos eles voltados à lógica do mercado (maneira de manutenção do mesmo). Assim, compreendemos que as atuais reformas educacionais mantêm a unilateralidade da pedagogia burguesa, as quais estão longe de significar uma formação humana plena. É a partir dessa certificação que se faz necessário o apontamento imediato de um projeto histórico que vise uma formação omnilateral, onde carregue consigo uma formação voltada para a totalidade do indivíduo, contrapondo e anulando o projeto desenvolvido pela política neoliberal. Ao falar sobre a formação omnilateral, Marx (1988) se refere a uma formação humana oposta à formação unilateral (provocada pelo trabalho alienado e pela divisão social do trabalho). Apesar de não definir precisamente o conceito, é possível dizer que a omnilateralidade indica uma ruptura ampla com o homem limitado da sociedade capitalista, isto é, ela deve atingir uma gama muito variada de aspectos de formação do ser social, portanto, com expressões nos campos do fazer prático, da criação intelectual, artística, da afetividade, da sensibilidade, da emoção, etc.

Com isso verificamos a existência de dois projetos antagônicos de educação e formação. Um que privilegia o controle do desempenho com vistas à competência e competitividade, e outro, fundamentado na autonomia, e no aprimoramento pessoal do ser humano, em que baseado na dialética, compreende a relação de estrutura e conjuntura, e é capaz de detectar os conflitos e contradições da sociedade – chamamos de formação Omnilateral (LACKS, 2006).

Como defendemos outro projeto, iremos nos ater as propostas de formação sob o viés da omnilateralidade. A escola, nesse projeto de formação, deve passar conhecimentos para a relação do homem em todas as suas dimensões, e deve mostrar que o mundo é produto da intervenção humana ao longo da história em que a Ciência esteja voltada para a produção humana. A politécnica surge, dentro de outra perspectiva, como uma proposta de educação única capaz de acabar com a divisão entre teoria e prática, onde mostraria os fundamentos de todas as profissões, o funcionamento do processo produtivo, seus condicionantes históricos e sociais, onde o homem teria o conhecimento relacionado com o todo – “seria filósofo, artista e técnico – um ser “omnilateral” (LACKS, 2006).

A “politécnica”, portanto, é uma proposta política para todo o conjunto do sistema nacional de educação. Seu eixo orientador é o trabalho, a capacidade exclusivamente do homem para transformar a natureza, de produzir suas próprias condições de vida e, também, modificá-las. É sobre a base do trabalho que surgiu a necessidade de conhecer a realidade e, portanto, a instrução e a educação. (LACKS, 2006, p.202)

Porém, para que essa proposta seja efetivada, é necessária a transformação do papel da educação, a qual deve estar orientada sob um caráter transformador, social, público, gratuito e de qualidade. Contudo, isso só será possível com a superação da sociedade capitalista através de um novo projeto histórico a ser construído.

Somente através da construção de um outro projeto histórico, que se baseie em outros valores, a ciência estará comprometida com a manutenção e produção da vida, atendo-se aos reais fenômenos de nossa sociedade, comprometida com o fim dos antagonismos entre a burguesia e classe trabalhadora. Por isso é

necessário o uso das categorias do materialismo dialético como forma de estimular a interdisciplinaridade no desenvolvimento da ciência, objetivando pesquisar a realidade na sua totalidade (FREITAS, 1995). É a partir desta leitura que inserimos qualquer prática pedagógica que podemos formular. Como já afirmado: de nada adianta novas práticas pedagógicas se elas não forem balizadas em um projeto político pedagógico. Não seriam, portanto, o útil instrumento que poderiam ser.

CONCLUSÃO

Salientou-se no artigo a importância de entender a fotografia como um instrumento importante no processo de ação pedagógica, introduzindo-a na sala de aula como um elemento que pode auxiliar na prática docente de Geografia e, portanto, na compreensão do espaço geográfico e suas contradições presentes no mesmo. Sem dúvida a fotografia induz a determinada leitura espacial, posto que ao fazer um registro, o fotógrafo traduz para a foto uma série de significados e percepções que têm sobre determinada cena ou acontecimento.

Neste caminho, utilizar a fotografia na prática docente não é só “um caminho até a aprendizagem”, mas também uma construção coletiva de um projeto que não pense a escola como um *fast-food*. Um projeto que conceba o docente não como transmissor de conteúdos, mas, sobretudo, como Paulo Freire refletia, “*que ensine a pensar, pois, pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas*”. (FREIRE, 1996, p. 28). O pensar de maneira adequada permite aos discentes se colocarem como sujeitos históricos, de modo a se conhecerem e ao mundo em que se inserem, intervindo sobre o mesmo, isto é, aprende-se a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão ressignificados mais adiante. Ensinar é, portanto, buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de ensinar exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes. Pressupõe-se a presença de indivíduos que, juntos, trocarão experiências de novas informações adquiridas, respeitando também os saberes do senso comum e a capacidade criadora de cada um. Compreender isso é fundamental ao utilizar a fotografia como ação pedagógica, pois a partir desta ferramenta busca-se a reflexão e não meramente o ensino isolado do seu contexto social.

Por fim, é importante ressaltar que esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa na perspectiva de formular oficinas pedagógicas para estudantes e professores se familiarizarem na utilização da fotografia como ferramenta didática para o processo de ensino-aprendizagem. A discussão sobre fotografias de forma coletiva é muito importante para compreender as diversas perspectivas que a mesma foto pode ter. Propor uma oficina que incentive os estudantes a fotografarem o espaço que os rodeia e o ambiente escolar também é fundamental, produzindo após isso um *slideshow* reunindo as fotos da turma que reflita sobre as condições da escola e do ambiente escolar. Ter um material documentado das relações entre os sujeitos e suas mediações escolares, culturais e espaciais é um importante elemento para entendermos algumas situações que se passam além da sala de aula.

Relações e mediações são processos complexos e dinâmicos que envolvem comportamentos, atitudes, valores, subjetividades, numa realidade singular, principalmente da escola pública. Por isso, precisam ser analisadas sob a luz de vários instrumentos, como entrevista, questionário e análise documental - relatórios, projetos, diário de bordo e produção dos alunos; tudo isso para nos ajudar a compreender as singularidades da competência leitora, no contexto da leitura que podemos ter das fotografias e dos reflexos dela no processo de aprendizagem.

Ter dados sistematizados como estes são importantes para analisarmos se o uso da fotografia em sala de aula realmente auxiliará na aprendizagem da disciplina Geografia. Saber se os assuntos são elucidados de forma mais concreta e se isso auxilia na aprendizagem da matéria é outro elemento a ser pesquisado.

Sabemos assim que as práticas docentes não podem ser vistas e trabalhadas de forma isoladas, pois seria uma ilusão acreditar que desta forma mudanças realmente concretas pudessem acontecer. Acreditamos, portanto, que é preciso desenvolver mais práticas que transformem a realidade educacional, mas não só isso, que ela esteja ligada também ao desenvolvimento de um projeto político que seja sólido e balizado. Só assim poderemos ter a certeza de que, se por um lado todas as transformações não podem ser alcançadas de

imediatos, por outro lado existem caminhos que podemos trilhar para ter mais sucesso na relação ensino-aprendizagem, subvertendo assim a lógica de acomodação que pode reinar na educação. É esta dialética relação que norteia nosso trabalho, unindo propostas práticas com um embasamento teórico que seja norteado pelo projeto de sociedade que almejamos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Rosane. Fotografia e Antropologia: olhares fora- dentro. SP: Liberdade, EDUC. 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e Educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomaz Tadeu da e GENTILI, Pablo (Orgs.).

KELLNER, Douglas. A cultura das mídias. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós - moderno. Bauru: EDUSC, 2001, p. 132.

LACKS, Solange. Formação de professores no Brasil: O embate de projetos. In: NASCIMENTO, Jorge (Org.). Ensino Superior, Educação Escolar e Práticas Educativas Extra-Escolares. Sergipe, UFS, 2006.

MARX, Karl. E ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Editora Global, 1988

SILVA, Renata Martins. O uso da fotografia no ensino da Geografia. Londrina, 2005. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual de Londrina (pag. 76 a 84)

[1]Graduado em Geografia-Licenciatura. Especialista em Fotografia Documental e Fotojornalismo pelo Instituto Internacional de Fotografia. Aluno especial da disciplina "Novas Tecnologias e Educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS (NPGED/UFS). Contato: fernandocorreia@gmail.com

[2] Especialista em Segurança do Trabalho. Graduado em Engenheiro Eletricista., Técnico em Edificações. Professor efetivo do Instituto Federal de Sergipe. Pesquisador membro do grupo de pesquisa MAVICOM – Matemática Aplicada à Visão Computacional (CNPq / IFS). Contato: andre.canuto@ifs.edu.br

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: